

“**Bildung**”: palavra que transporta para uma proposta do iluminismo alemão o que à formação do ser humano diz respeito - enquanto ser individual imerso em históricos padrões de referência cultural. Na Alemanha do século XVIII, (re)surge a ideia de que a educação é um processo necessário ao desenvolvimento de cada um como ser humano — convicção espelhada na máxima Kantiana “o homem só é homem pela educação”. Esta assunção expõe a fragilidade de cada um e simultaneamente expande as potencialidades do seu porvir — acreditar no processo de educação é acreditar na não determinação apriorística de cada indivíduo. A pessoa humana devém incompleta e torna-se necessário trabalhar para a completar. A abertura que deste modo se imputa ao desenvolvimento individual exige o cuidado

## Da Bildung ao Grand Tour: viagem como conhecimento.

e a atenção ao processo que lhe subjaz — o trabalho sempre inacabado do completamento. O que existe de mais seguro do que a Antiguidade?

É por aqui que a **Bildung** inicialmente se materializa enquanto projecto cultural e pedagógico, ao propor como modo de formação individual a revisitação dos clássicos da antiguidade greco-romana. A fusão da forma com o fundo, conduz a um ideal de ser humano ancorado nos conteúdos e nos modos contemplativo e reflexivo da antiguidade clássica. A apologia do espírito e da liberdade individuais permitem uma espécie de trilogia do neohumanismo alemão: **Bildung**, Geist (espírito) e Freiheit (liberdade). A **Bildung** é um processo de autonomização, libertação e consciencialização. Este modo de entender a educação dos sujeitos transcende o espaço da escola ou da exclusividade de qualquer outra instituição social. O processo de educação e de formação da pessoa humana é um processo integral e global — não é feito apenas numa fase da vida e muito menos num espaço institucional de fronteiras demarcadas. O ser individual projecta-se no seu futuro sempre imperfeito contribuindo para o desenvolvimento da humanidade — o humanismo exige o indivíduo e a individualização. O cultivo de si mesmo é o processo interior e espiritual a partir do qual o homem se pode elevar à sua verdadeira condição humana, através de uma emancipação intelectual, incluindo geralmente dimensões éticas e estéticas. “O homem necessita formar-se (formar a sua consciência) porque, ao não ser por natureza o que deve ser, deve apropriar-se através da experiência da consciência (autoconsciência)” (Conrad Villanou, 2001: 235). A viagem. A experiência da consciência e a busca da experiência e do processo de humanização exigem a viagem. Espiritual e/ou física, a viagem é o modo de o sujeito garantir este seu estatuto, afinal o reconhecimento do sujeito exige a interpelação e o contacto com outro sujeito, tanto quanto o processo de humanização é um processo de busca do que é mais humano, em si e fora de si. Recuperamos hoje a **Bildung** entre a liberdade individual do sujeito consciente e a vocação cosmopolita da melhoria do género humano. A ideia de **Grand Tour** surge no século XVIII associada às viagens de uma elite masculina e jovem que com os seus preceptores realizavam extensas viagens no final dos seus estudos, com a finalidade de poderem prolongar a sua aprendizagem pela experiência directa dos exemplos estudados. Este conceito de **Grand Tour** surge das ideias iluministas de recuperação dos ideais da antiguidade clássica — o cânone estabelecido: a civilização greco-romana e egípcia (já então mito clássico). Este formato de viagem — o **Grand Tour** ou simplesmente Tour — tem permanecido como objecto e referência de turismo cultural: Da Alta Cultura que inaugurou a ideia de **Grand Tour** à incorporação no Cânone dos grandes acontecimentos e mitos da cultura popular do século XX. Sejam quais forem os objectivos e motivações, a viagem é em grande parte uma experiência icónica pré-definida e por isso incessante matéria que nos mede com o tempo e espaço histórico que habitamos. **Grand Tour** e **Bildung**: Da experiência icónica do Tour à viagem como formação. 📷

**Design:** Flint

**Edição e texto:** Elisabete Gomes e Rui Mendes

D.R.



D.R.



D.R.



Esfinge e Grande Pirâmide, Gizé, Egípto  
Aprox. 3000 anos a.C.

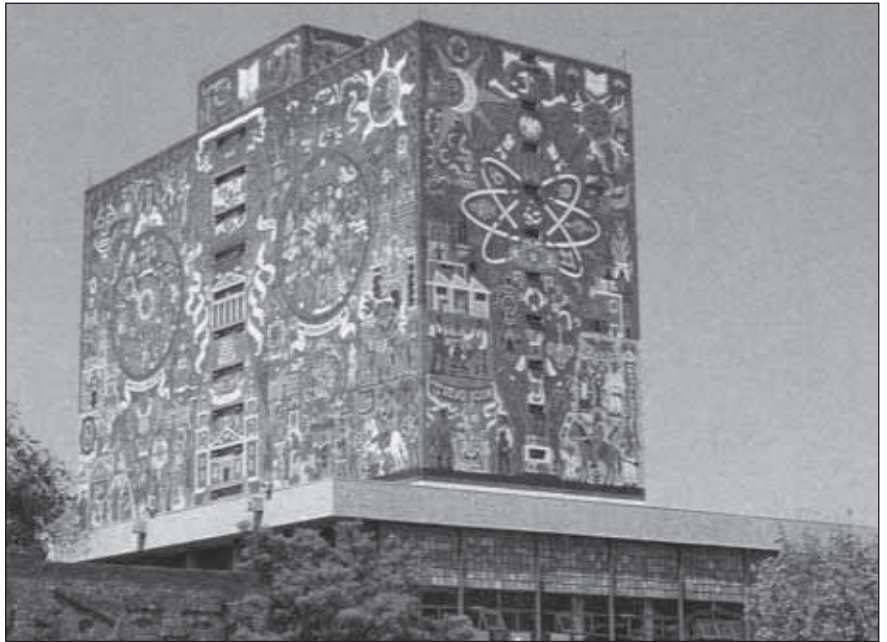
Forum Romano, Roma, Itália  
Aprox. Séc. VI a.C.

“A Cidade dos Deuses”, Teotihuacán, México  
Aprox. 200 anos a.C.

D.R.



D.R.



D.R.

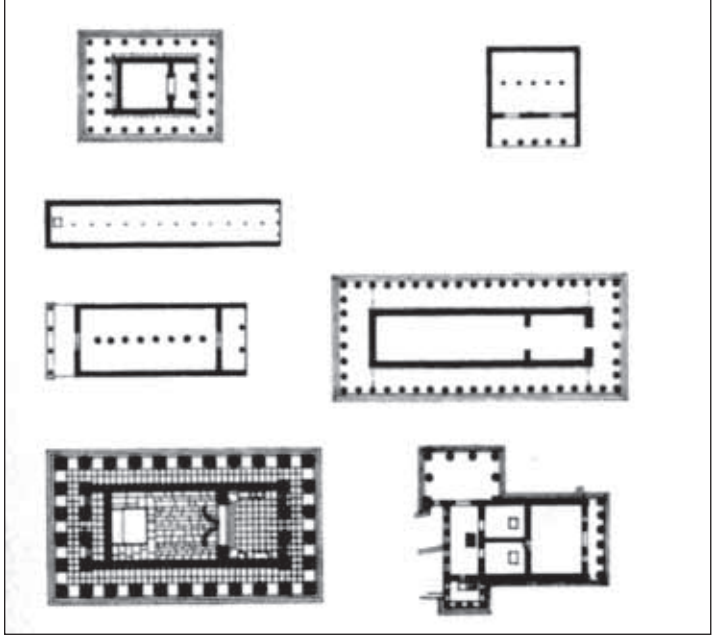


Museu do Palácio Nacional, Taipé, China  
Valerio Olgiati, 2004

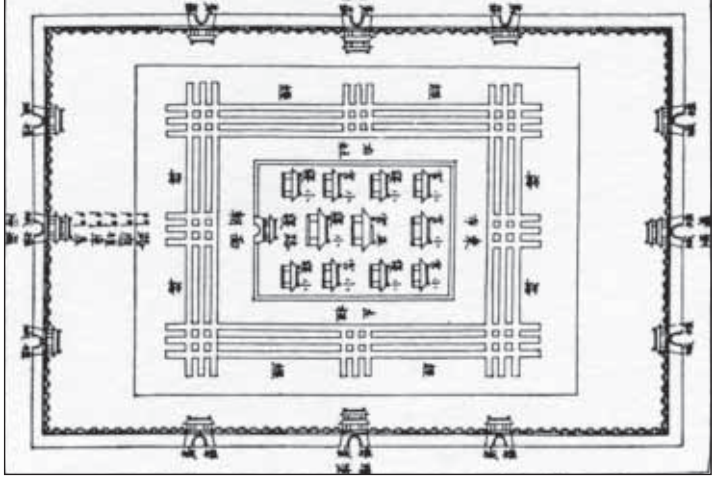
Biblioteca, Universidade do México, Cidade do México, México  
Juan O'Gorman, 1952-53

SESC - Fábrica da Pompeia, S. Paulo, Brasil  
Lina Bo Bardi, 1977-1986

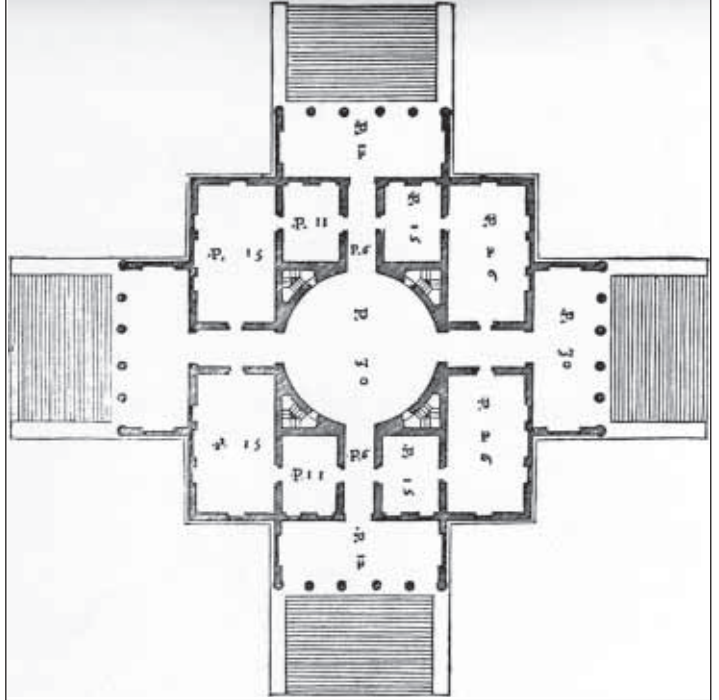
D.R.



D.R.



D.R.

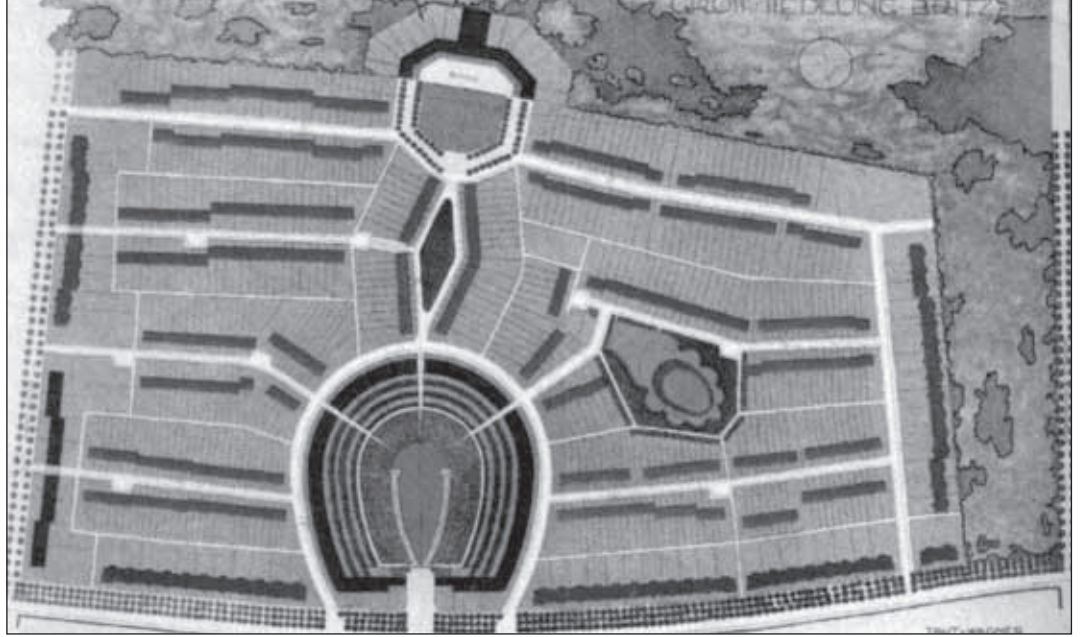


Plantas de Templos Gregos  
Séc. IV a.C.

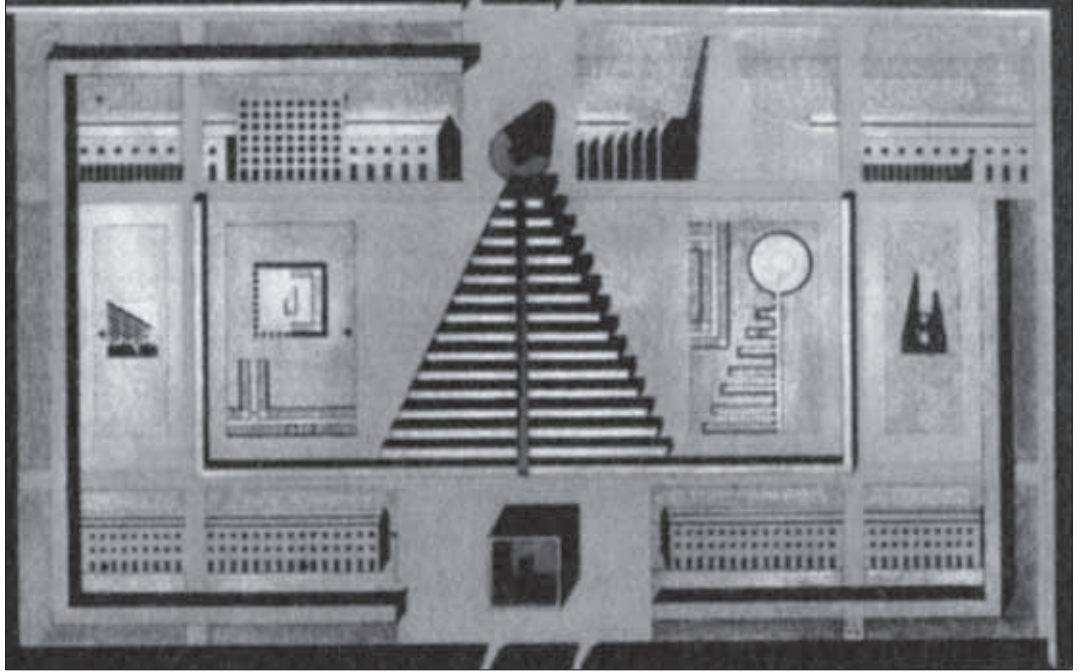
Cidade Chinesa Tradicional de Kao Gong Ji  
Aprox. 150 a.C.

La Rotonda, Vicenza, Itália  
Andrea Palladio, 1570

D.R.



D.R.



D.R.



Britz Siedlung, Berlim, Alemanha  
Bruno Taut, 1925

Cemitério de San Cataldo, Modena, Itália  
Aldo Rossi, 1971-1984

Planta das fábricas existentes na Vila Adriana (Séc. I d.C.), Roma, Itália  
Gravura de Giovanni Battista Piranesi, 1781

D.R.



D.R.



D.R.



Palácio do Secretariado, Chandigarh, Índia  
Le Corbusier, 1956-1965

Faculdade de Arquitectura e Urbanismo da Universidade de S. Paulo, Brasil  
Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi, 1961

Faculdade de Arquitectura e Urbanismo da Universidade de S. Paulo, Brasil  
Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi, 1961



D.R.

D.R.



D.R.



D.R.

D.R.



D.R.



D.R.

D.R.



D.R.

Sede Regional da IBM, Chicago, EUA  
Mies Van Der Rohe (c/ C. F. Murphy Associates), 1966-1969

Edifício Seagram, Nova Iorque, EUA  
Mies Van Der Rohe (c/ Kahn e Jacobs),  
1954-1958

Edifício COPAN, São Paulo, Brasil  
Oscar Niemeyer, 1953

Torres de Satélite, Cidade do México,  
México  
Luis Barragán, Jesús R. Ferreira e  
Mathias Goeritz, 1958

Manhattan, Nova Iorque, EUA

Torres de San Gimignano, Toscana, Itália  
Séc. X d.C.



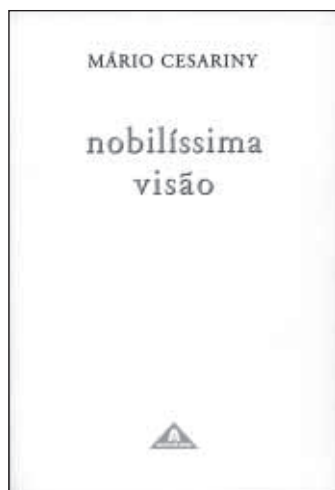
D.R.



D.R.

Fonte de Trevi, Roma, Itália  
(Primeiro projecto por Bernini, 1629)  
Nicola Salvi e Giuseppe Pannini, 1732-1762  
“La Dolce Vita”, Fellini, 1960

Capela Sistina, Vaticano, Itália  
Construção 1475-1483  
Frescos de Michelangelo, 1508-1512



### Pastelaria

Afinal o que importa não é a literatura  
nem a crítica de arte nem a câmara escura

Afinal o que importa não é bem o negócio  
nem o ter dinheiro ao lado de ter horas de ócio

Afinal o que importa não é ser novo e galante  
— ele há tanta maneira de compor uma estante!

Afinal o que importa é não ter medo: fechar os olhos frente ao  
precipício  
e cair verticalmente no vício

Não é verdade, rapaz? E amanhã há bola  
antes de haver cinema madame blanche e parola

Que afinal o que importa não é haver gente com fome  
porque assim como assim ainda há muita gente que come

Que afinal o que importa é não ter medo  
de chamar o gerente e dizer muito alto ao pé de muita gente:  
Gerente! Este leite está azedo!

Que afinal o que importa é pôr ao alto a gola do peludo  
à saída da pastelaria, e lá fora — ah, lá fora! — rir de tudo

No riso admirável de quem sabe e gosta  
ter lavados e muitos dentes brancos à mostra

Mário Cesariny